

#43

ENTRE A TÉCNICA E A ESSÊNCIA
Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban avança na estrutura, mas amentiza a força das metáforas da adolescência propostas por J.K. Rowling

MAIOR DO QUE A VIDA
Obituários são sempre difíceis de escrever, mas o de Marlon Brando é um compêndio das dores de uma geração que sobreviveu ao século XX

O TEMPO NÃO PARA (DE SE REINVENTAR)
De qual Cazuza você vai se lembrar daqui em diante? O original ou o de Daniel Oliveira?

PARA NÃO DIZER QUE SÓ FALEI DE FLORES
Com Dead Fish, Zémaria e Lona! Records, Espírito Santo revela-se laboratório dos contrastes vividos pela indústria independente de música.

SEM POESIA
Cinebiografia reduz a poetisa Sylvia Plath a uma mera caricatura de mulher ciumenta e atormentada

UMA VILA PARA OS OPERÁRIOS
A história da vila operária Maria Zélia, que, cercada de idealismos, vive hoje de recordações e ruínas

PRESENTE DE GREGO
Nem mesmo o orçamento milionário e o elenco estelar conseguem salvar o épico Tróia da decepção

Recentemente
Quem deve escolher a escola do seu filho: você ou a Justiça? Então por que seria diferente com os filmes que ele vê?

Aquarela
O futebol pode ser paixão nacional, mas fica a dúvida: será que time se herda da família que nem móvel velho?

Caderno Zero
Surpresa Once Caldas derrota Boca Juniors nos pênaltis e se consagra como um incontestável campeão da Libertadores de 2004

AntroPOP
Especialista político econômico ou cronista esportivo, tremei: vocês também fazem um trabalho digno de estar nas ilustradas e Cadernos 2 da vida.

rabiscoerabisco.com.br

RABISCO

11 a 25 de julho de 2004

[Equipe | Edições Anteriores](#)

SEM POESIA

Cinebiografia reduz a poetisa Sylvia Plath a uma mera caricatura de mulher ciumenta e atormentada

por Fábio Freire (fabio_fcosta@hotmail.com)



uem não sabe nada sobre Sylvia Plath, uma das maiores poetas do século passado, e tiver o primeiro contato com a artista através do filme *Sylvia - Paixão Além de Palavras*, vai achar que ela não passava de uma mulher frágil, ciumenta e neurótica, uma espécie de Glenn Close em *Atração Fatal*. Pelo menos essa é a impressão que se chega ao final do longa

da diretora Christine Jeffs. Apresentando a poetisa de forma caricatural e apelando para um desenvolvimento superficial da escritora, a cinebiografia peca ao nem tentar entender as razões e conflitos que atormentavam a alma da personagem. A Sylvia Plath do filme é apenas um rascunho da célebre poetisa que cometeu suicídio após saber que a amante do marido estava grávida dele. A opção do roteiro e da direção é mostrar Sylvia completamente dependente do marido, jamais sendo possível vislumbrar a mente brilhante por trás da angustiada artista.

A produção começa quando Sylvia (Gwyneth Paltrow) conhece o também poeta Ted Hughes (Daniel Craig). A partir desse encontro, os dois se apaixonam e casam, passando a viver uma relação difícil. Aqui o roteiro erra ao ignorar o passado conturbado de Sylvia antes de conhecer o marido, apenas mencionando mais a frente suas tentativas de suicídio. Da maneira como é abordada, a relação dos dois soa falsa e até forçada, já que de um mar de rosas o casamento vai se transformando em um martírio, tanto para Hughes, acuado diante do ciúme de Sylvia, quanto para a própria, que passa a viver à sombra da fama do marido e sofre até com um bloqueio criativo.

A Sylvia das telas se reveza entre os papéis de doente, ora perdida em seu próprio desespero e solidão, ora louca e psicótica. Aqui cabe outro



porém em relação ao roteiro, que nunca apresenta de forma clara o ciúme da poetisa. O espectador fica sempre em dúvida se esse ciúme tem fundamento ou não passa de uma alucinação da atormentada escritora. Essa característica fica mais evidente com o uso da câmera subjetiva e ângulos que tentam representar o tormento e o vazio da poetisa. Recursos que até funcionam, mas não conseguem diminuir a frieza com que o filme é dirigido.



A diretora quis não interferir na narrativa, preferindo que as próprias personagens conduzissem o longa. A falha fica evidente na medida em que a produção é cruel com as próprias personagens, jogando-as no limbo das caricaturas. No final, qualquer resquício de sutileza é deixado de lado e, enquanto Hughes é mostrado como um marido traidor e frio, Sylvia é reduzida ao papel de mulher traída e infeliz. No final, nem os seus dois filhos pequenos do casal são capazes de evitar a tragédia.

Ainda com todos esses defeitos, *Sylvia. Paixão Além de Palavras* não é um filme ruim. Apesar do ritmo lento, o casal protagonista faz o que pode para dar uma dimensão mais humana às personagens. Ainda tentando provar a Deus e o mundo que merecia ter ganho o Oscar por *Shakespeare Apaixonado*, no já distante ano de 1998, Gwyneth Paltrow tem o carisma e talento necessário para o papel. Sua aparência frágil e beleza glacial funcionam muito bem na pele de Sylvia, ainda que em alguns momentos a atriz se perca e pareça uma adolescente imatura. Já Daniel Craig consegue imprimir uma dubiedade a sua personagem, ora soando sensual, ora paternal e condescendente.



A produção caprichada mantém a atenção do público, ainda que a trilha sonora de Gabriel Yared seja utilizada em demasia pela diretora. Talvez como forma de costurar a narrativa, que, às vezes, parece um pouco solta. No final, o filme é melhor apreciado por aqueles interessados apenas em ver um belo drama, não como a cinebiografia de uma das maiores poetisas do século passado, atormentada pelos próprios fantasmas. O melhor é mesmo o início do filme, quando, de olhos fechados, Sylvia se compara a uma árvore. A única cena a realmente captar a essência da escritora.